



ANGÚSTIA E CRIAÇÃO

Luiz Carlos Teixeira Bohrer¹

RESUMO: As investigações acerca da angústia têm se concentrado em áreas específicas do conhecimento que relegam a este afeto um estatuto negativo, naturalizando-o desta forma. Entretanto, ao reintroduzir o tema, pretende-se, de antemão, alterar seu estatuto, levando em consideração as importantes contribuições da Psicanálise e seu entendimento de que a angústia sempre retorna em forma de sinal, bem como a inserção do Cognitivismo neste campo problemático para suscitar um outro modo de trabalhar este tema através de seus elementos. A angústia sinaliza em sua positividade um momento de parada, de atenção, que escapa aos liames da consciência e do familiarismo para produzir devir, criar sentidos.

Palavras-chave: Angústia, diferença, criação

ANGUISH AND CREATION

ABSTRACT: The investigation about the anguish has been focused on specific knowledge areas that relegate this affect to a negative status, naturalizing it in this shape. However, by reintroducing this subject means beforehand, change its status, considering the relevant contributions of Psychoanalysis and its understanding that the anguish always returns as a signal, in the same way that the inset of Cognitivism in this problematic field to generate a different way of working this subject through its elements. The anguish signs its positivity a moment of break, of attention that slips from the paws of consciousness and familiarism to produce becoming, to create meanings.

Key-words: Anguish, difference, creation

¹ Doutorando em Psicologia (UFRJ) Mestre em Psicologia Clínica (PUC/SP) Psicólogo Clínico – CRP 07/11256. E-mail: lucatb@bol.com.br



INTRODUÇÃO

CAMPO PROBLEMÁTICO

Este trabalho propõe-se a articular alguns elementos provenientes de duas áreas distintas da psicologia em seus respectivos métodos de investigação e produção de conhecimento: a clínica e o cognitivismo, compreendendo estes não como disciplinas estagnadas, em que uma seria usada para entender a outra, mas uma desafiando a outra a se reinventar, estabelecendo agenciamentos, produzindo devires. Trata-se, portanto, não de produzir na relação dialética uma nova disciplina, técnica interdisciplinar que forjou a Psicologia Cognitiva, mas levar adiante, ao extremo tanto as escutas clínicas, em especial a psicanalítica e outras que se relacionam com a filosofia, quanto o estudo da cognição, no intrincado tema da angústia.

A escolha desta abordagem para este tema deve-se por sua inscrição inespecífica na consciência, sensação de algo que não se sabe o quê ou de onde vem, algo ao mesmo tempo inapreensível à lógica racional no sentido que não encontra representação, sendo, portanto, estranho aos esquemas mentais, mas que mobiliza processos cognitivos como a atenção. Sabe-se que algumas circunstâncias a suscitam, a solidão, por exemplo, o que pode ser evidenciado pela abundância de versos e prosas românticos sobre o assunto. A sensação corpórea da angústia acaba sendo traduzida por ameaça, um problema, sendo colocada como sintoma em diversas psicopatologias, presente, sobretudo no grupo dos Transtornos Ansiosos e Depressivos.

Papel mais central ocupa o estudo da angústia para a Psicanálise, em que Freud estabelece que a perda do objeto necessário nos primeiros anos de vida é fator determinante à angústia, que se revisita convertida em ansiedade de castração e depois, ao longo da vida, como perda do objeto investido pulsionalmente (FREUD, 1972). A manifestação da *falta* do objeto através da angústia assinala a incompletude

do sujeito, a angústia sentida é a presença do outro no sujeito a partir de sua ausência, é a marca da incompletude do sujeito. Porém, o sujeito nada sabe desta afecção, sente-o, apenas, como *sinal* da perda do objeto internalizado, sinal inconsciente de que suas pulsões não são satisfeitas, que a plenitude da existência do ser não é alcançada. Esta *falta* e a angústia proveniente dela viriam a pautar as escolhas do sujeito, bem como suas relações com seus objetos, a satisfação é sempre parcial porque o objeto original foi perdido e esquecido, e desta satisfação parcial para o fastio, angústia, para novamente buscar sua satisfação parcial.

Percebe-se aqui o quanto o cognitivismo e a Psicanálise estão implicados com o *problema* da angústia, e a Psicologia se ocupa em “resolver” este problema. O que *fazer com* a angústia? Este *fazer com* a angústia redonda em agenciamentos coletivos de enunciação, depende de que agenciamentos são feitos, se são os patologizantes, os normatizantes ou os diferenciadores. Com os patologizantes, pode-se, simplesmente, “deixar rolar”, responder à angústia neuroticamente através de obsessões, compulsões ou ainda evitá-la fobicamente, vivendo no horror da ameaça da perda do objeto e da integralidade do ego. Com os agenciamentos normatizantes, configurar-se-ia a redução da sensação de angústia, um apaziguamento de suas tensões para que o indivíduo possa fazer escolhas racionais, trabalhar no sentido de aceitar a própria incompletude, vivendo a plenitude através de suas satisfações parciais. Em ambos os agenciamentos, parte-se de enunciações que relegam à angústia um estatuto negativo, seja como *falta*, seja como sensação de desconforto, incômodo não traduzível, não reconhecível, ameaçador. A mudança do estatuto da angústia apontaria para uma sensação de demanda de produção, de exigência de novos sentidos existenciais que, por vezes, encerram-se egoicamente, defensivamente e que podem permitir o



trânsito de forças estranhas (ROLNIK, 1994; BOHRER, 2006)

Para tanto, a atenção é convocada, pois não se trata de um oba-oba dos sentidos desenfreado, psicótico. É preciso um tempo para si, uma atenção de si, um investimento nas forças que compõe o território existencial, compreendendo território existencial como território de passagem, por isso a aceitação da angústia, esta demanda justa por outro *corpo*. Assim, inverte-se o sentido “original” da angústia: de neurotizante para desneurotizante, pois convoca o *corpo* a se liberar de organizações, estruturas e funcionamentos ensimesmados, muito preocupados em defender o ego. A atenção serve para, de um lado, ser crítico em relação às tentativas de captura contemporâneas, onde se oferece promessas de felicidade fácil “ao alcance dos dedos”, produzindo um estímulo à *falta* (“você não tem”), e de outro para perceber-se como criador coletivo de sentidos e de si, diferenciante no modo de pensar e existir. Assim, constitui-se este campo problemático com a infalibilidade e inefabilidade da angústia no seu sentido psicanalítico e com os elementos da cognição convocados onde a própria cognição não dá conta.

ANGÚSTIA E SINAL

Na literatura psicanalítica, encontra-se um dilema na tradução do uso do termo “angústia”, tal qual postulado por Freud. O famoso *Vocabulário de Psicanálise* (LAPLANCHE e PONTALIS, 1986) traz esta discussão nos termos de “angústia-sinal” e “sinal de angústia”. De qualquer forma, toma-se a angústia por *sinal* de algo latente, de um sofrimento, de um trauma. O que encobre e desvela esta angústia são as vicissitudes da vida, a posição em que o sujeito se encontra diante, sobretudo, do outro. O sinal de angústia remonta a sensação da perda do objeto original, ao qual o sujeito desconhece, mas cujo afeto refaz o mesmo percurso da separação do objeto investido pulsionalmente.

Sabe-se que *há algo ali*, mas que insurge no sujeito apenas como sinal, um sinal vazio e potente, que vez por outra aparece para exigir imperativamente novos sentidos (BESSET, 2002).

A perda do objeto original referido pela psicanálise se dá na separação do bebê do seio materno, objeto de saciação das pulsões libidinais apoiadas na necessidade nutricional, de sobrevivência. Este é o momento de superação de uma fase que o bebê se encontrava plenamente satisfeito, confortável numa zona de indeterminação em relação à mãe e de repente é exigido que se individualize, expulso de sua relação simbiótica, onde o desejo fluía nos corpos indiferenciados. A partir daí, haverá uma fase de transição desenrolando-se um processo gradual de diferenciação mãe-bebê, mais ou menos permeados por *fenômenos transicionais*, estudados por Winnicott. Estes fenômenos ajudam o bebê a descobrir o mundo externo em sua relação com o mundo interno, aquilo que é seu, daquilo que é exterior a si, a seu corpo, através da manipulação de objetos substitutivos ao seio materno, mas com encontros fortuitos com o mesmo. Os objetos manipulados vão passando a fazer parte de um *não-eu* e, aos poucos, vão sendo desinvestidos (decatexia) (WINNICOTT, 1975). Tais fenômenos são importantes não apenas para o desenvolvimento “normal” do sujeito por minimizar os efeitos traumáticos dessa fase de transição, este limbo subjetivo em que o bebê vive nesse período, mas atenta para a existência de um *processo* de individuação em conexão com a angústia, com a indeterminação do corpo.

A intensidade dos afetos decorrentes da superação traumática desta fase determina, grosso modo, alguns padrões de comportamento da pessoa adulta, nível de ansiedade, ou seja, acompanham o sujeito ao longo da vida, principalmente em relação ao nível de tolerância ao afeto da angústia. Diante disso, segundo Freud, em *Mal estar na civilização*, o sujeito busca reviver a sensação



de completude primeva através das relações amorosas, visando aplacar a angústia superestimando o objeto amado, a ponto confundir a unidade do ego devido às fronteiras do eu/outro não estarem nítidas (FREUD, 1972). O deslizamento forçoso da satisfação desta angústia como desamparo para uma completude estabelece o par solidão/desamparo enquanto dispositivo problemático, sobretudo nos tempos atuais de fácil filiação a diferentes receptáculos massificantes oferecidos, resguardando a identificação entre si com o desfile de subjetividades bem acabadas e definidas, o que acaba por manter a mesma relação servil do funcionamento obsessivo compulsivo mas com o *status* de normal. A angústia como afeto do desconhecido, a que nada se conhece racionalmente, desloca o sujeito para o “real” do corpo, o não-saber de si, senão a sensação de estranhamento, do sinal. O desconhecido que exigia tanto passa a ser rapidamente substituído por objetos, códigos, cifras reconhecíveis acoplados aos sujeitos servindo como bálsamo.

ELEMENTOS DA COGNIÇÃO

As ciências cognitivas em geral têm-se ocupado em desvendar os liames do funcionamento mental, de forma a produzir terapêuticas e estratégias para aumentar a capacidade mental, a quantidade de informação adquirida e a qualidade e a fidedignidade desta informação. Para tanto, vêm buscando desenvolver técnicas de utilização dos elementos cognitivos que permitam eliminar, ou ao menos diminuir os “ruídos” produzidos pelas afecções nos sistemas cognitivos. Da memória, por exemplo, sabe-se que sofre interferências importantes tanto no processo de aquisição e armazenamento de informação quanto seu acesso. Isso ocorre porque os esquemas mentais, utilizados para tornar o conteúdo da informação acessível e assimilado, opera a partir de representações, que são carregadas de implicações emocionais. Estas implicações

emocionais tornam a tarefa da memória tão difícil ao ponto de ocorrerem falsificações - mecanismos de defesa que nosso cérebro produz (IZQUIERDO, 2004), ou passa-se a ter dúvidas a respeito de um fato presenciado, testemunhado ser verdadeiro ou não, não se sabe se aquilo foi apreendido perceptivamente ou criado pela mente. Há ainda as distorções interpretativas em que os esquemas mentais podem trabalhar forçados por instituições ou alguém a interpretar um fato de um jeito ou de outro (LÉVY, 1993).

Se se pensar nos dias atuais, com a aceleração e quantidade de informação, às exigências do mercado de trabalho, fica perceptível a importância destes estudos para produzir empregados cada vez mais qualificados e atentos à demanda no serviço. Deles se exige uma otimização constante dos processos cognitivos, uma atenção cada vez maior na tarefa, no objetivo. Com tanto tempo dedicado às estimulações do trabalho, sobra pouco tempo para si, que passa a ser compensado com a aceleração da disponibilização das subjetividades *prêt-à-porter*, dando idéia de que dispensou cuidados consigo, quando meramente protegeu seu ego do não reconhecimento operado pela angústia. No próprio estudo das cognições o conceito de “angústia” é frequentemente pareado com os de “terror”, “agonia”, “medo” e “pavor”, mas diferencia em relação aos efeitos, à interrogação do “e agora?”, mobilizando elementos como a atenção e o raciocínio diante do fator ansiogênico para a resolução do problema, problema este que não se sabe a causa, nem tampouco onde está. A tensão provocada no corpo pelo afeto de angústia age desconforme o esforço racional, é outro “ruído” exigindo uma atenção maior, uma atenção ao corpo, pois nele se inscreve a afecção, ao que se responde com técnicas de respiração e relaxamento. O embate entre afecções e o funcionamento das estruturas cognitivas não atende à lógica do equilíbrio, onde se tem a impressão de que o cognitivo sempre chega depois.



Ainda assim, há a alternativa de os elementos da cognição trabalharem de uma outra forma, menos pretensamente estruturada e equilibrada (KASTRUP, 2007). A atenção exigida no sinal de angústia poderia se propor a demarcar a irrupção de um outro *tempo*, intensificando a angústia numa *duração*, apreendendo a memória na produção de sentidos, ou seja, potencializando a memória como criação, pois ela não restitui uma lembrança idêntica; a ação do tempo na memória é, fundamentalmente, cambiante, a arte de esquecer e inventar realidades. De forma análoga, o sinal de angústia viria a demandar este exercício na invenção de sentidos existenciais, nos cuidados de si. Para tanto, as próprias funções estruturantes e de equilíbrio dos processos cognitivos necessitam ser problematizadas, alterar sua organização, seus agenciamentos, o que leva, inevitavelmente, a se pensar a partir de outro modo a compreensão de sujeito, pensar em termos de produção de subjetividade.

PROCESSOS DE CRIAÇÃO

A noção de sujeito x objeto não resiste à de produção de subjetividade porque ela é produto desta. A subjetividade, antes de mais nada, é produção e não produto. Tende-se, atualmente a falar em “minha subjetividade”, a “subjetividade desse ou daquele grupo”, quando, na verdade, está-se falando em identidade, personalidade ou qualquer tipo de codificação, rótulo que se queira imputar. A relação sujeito-objeto provém de uma produção de subjetividade, de uma convenção, um modelo para fazer funcionar uma maquinaria que decanta as noções de sujeito e objeto. Parte-se de uma noção de produção de subjetividade em que os sujeitos são terminais, finalidades e não princípios. Assim, não há a idéia corrente de um sujeito pré-definido em relação a seu objeto, mas de subjetividades pré-individuais que vez por outra tomam contornos individuais em função de agenciamentos que produzem a subjetividade. *Seria conveniente dissociar*

radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade. Para mim, os indivíduos são resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado. [...] A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade de agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (GUATTARI et al., 2000, p. 31)

Mesmo os processos de natureza não-representacionais devêm de agenciamentos coletivos de enunciação que produzem toda maquinaria de sistemas de sensibilidade, que não têm a ver com categorias naturais universais, mas circunscritas a uma dada realidade produzida regionalmente e globalmente. Não há, pois, um ouvido que escuta uma música ou um olho que assiste a um espetáculo, há uma composição, um agenciamento que produz uma afetação a partir de zonas de indeterminação em que com todo aparato cognitivo e semiótico vai se diferenciar, distinguir os órgãos do sentido e as funções mentais. Quando se fala dos *fenômenos transicionais*, atenta-se para a constatação da produção de subjetividade que se processa nestas zonas de indiferenciação em que ainda não se determinou os limites do corpo, daquilo que é interno e externo. O que ocorre, contemporaneamente, com muita frequência e com velocidade vertiginosa, é a organização prévia da cognição com suas funções definidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se indica é a reapropriação destes componentes da subjetividade exatamente no ponto em que as estruturas caducam, ou seja, na angústia. Reapropriar para colocar à disposição de mecanismos de expressão e criação (autopoiese), resistindo à edipianização que repete a mesma história da perda a cada sinal de angústia. A intensificação da angústia a partir desta



reapropriação dos elementos cognitivos, se deixando capturar na atenção de si, encontra no pensamento como ação, imanente, agenciamentos com a alteridade, potência de produzir sentidos, de entrar em devires.

Portanto, não basta tão somente a mudança de sentido na apreensão da angústia, de negativa para positiva, e sim elaborá-la, pois esta é a exigência desta afecção, uma recriação de si que não se esgota em um planejamento racional de uma profunda análise do ego, mas de atenção sensível às forças de *fora* que compõem este “si”. Assim, propõe-se uma desaceleração do ritmo com que se leva a vida na modernidade nesta constante exigência por filiações reterritorializantes e identificações consumíveis que aplacam esta angústia rapidamente, bem como outras aplicações dos elementos de cognição, acolhendo a angústia a serviço da inventividade de si e do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSET, Vera Lopes. Angústia e desamparo. *Revista Mal-estar e subjetividade*. Fortaleza. Volume II, nº 2. p. 203-215. Setembro 2002.

BOHRER, Luiz Carlos Teixeira. *Solidão criadora: milonga e processos de subjetivação*. São Paulo. 2006. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC/SP.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1972.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo:

Martins Fontes, 1986.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Ed. 34, 1993.

ROLNIK, Suely. Cidadania e Alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia. In: SPINK, Mary Jane (org). *A cidadania em construção*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 157-176.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a Realidade*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1975.